



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS- FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS- FIFE

Heloisa Nogueira da Costa
Milena Cordeiro da Silva
Pricila dos Santos

Uso de Antidepressivos Pelos Acadêmicos de Fernandópolis-SP

FERNANDÓPOLIS-SP
2024

**Heloisa Nogueira da Costa
Milena Cordeiro da Silva
Pricila dos Santos**

Uso de Antidepressivos pelos Acadêmicos de Fernandópolis

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Artigo apresentado à Banca Examinadora do Curso de Graduação em Farmácia da Fundação Educacional de Fernandópolis como exigência parcial para obtenção do título de bacharel em farmácia.

Orientador: Prof. Me. Roney Eduardo Zapparoli

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS-FEF

FERNANDÓPOLIS – SP

2024

Uso de Antidepressivos pelos Acadêmicos de Fernandópolis

Use of Antidepressants by Academics in Fernandópolis

¹COSTA, Heloisa Nogueira; ¹SILVA, Milena Cordeiro; ¹SANTOS, Pricila;

²ZAPAROLLI, Roney Eduardo.

E-mail: felomena.pricila2016@gmail.com

RESUMO: Os universitários enfrentam uma mudança significativa ao transitar da adolescência para a vida adulta, com novas responsabilidades relacionadas ao dia a dia, à faculdade e à vida social. Esse processo de adaptação pode desencadear desafios emocionais. O presente trabalho tem como objetivo analisar o uso de antidepressivos entre os acadêmicos da Fundação Educacional de Fernandópolis (FEF) e verificar quais são os mais utilizados. Para isso, foi realizada uma pesquisa que combinou revisão bibliográfica com um estudo de campo, por meio de um questionário estruturado aplicado aos acadêmicos da instituição. A pesquisa permitiu identificar a porcentagem de estudantes que apresentam sintomas de depressão, os que utilizam antidepressivos durante o período de provas e ainda comparar os dados entre os que apresentam depressão e os que praticam atividades físicas. Os resultados indicam que, embora muitos acadêmicos não apresentem diagnóstico formal de depressão, um número considerável recorre ao uso de antidepressivos em momentos de estresse, como durante o período de provas. Conclui-se que a pesquisa com 266 participantes revelou que 32,71% têm diagnóstico de depressão, considerada uma incidência baixa. Além disso, 38,57% usam fluoxetina, incluindo pessoas sem diagnóstico formal, o que levanta preocupações sobre automedicação. Entre os que não praticam exercícios físicos, 60,92% têm depressão, sugerindo uma relação entre atividade física e saúde mental. Contudo, os dados não garantem diagnósticos confiáveis, e não é possível confirmar que a fluoxetina seja o antidepressivo mais prescrito.

Palavras-chaves: Antidepressivos; Acadêmicos; Depressão.

ABSTRACT: University students face a significant change as they transition from adolescence to adulthood, with new responsibilities related to daily life, college, and social life. This adaptation process can trigger emotional challenges. The present study aims to analyze the use of antidepressants among students at the Fundação Educacional de Fernandópolis (FEF) and determine which ones are most commonly used. To achieve this, a research combining a literature review with a field study was conducted, using a structured questionnaire applied to the institution's students. The research allowed the identification of the percentage of students exhibiting symptoms of depression, those who use antidepressants during exam periods, and a comparison between those who show signs of depression and those who engage in physical

¹Acadêmico(a) do curso de Farmácia das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE, Fernandópolis-SP.

²Mestre em Ciências Farmacêuticas, orientador e professor do curso de Farmácia das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE, Fernandópolis-SP.

activities. The results indicate that, although many students do not have a formal depression diagnosis, a significant number resort to the use of antidepressants in stressful times, such as during exams. It is concluded that the research, involving 266 participants, revealed that 32.71% have a depression diagnosis, which is considered a low incidence. Additionally, 38.57% use fluoxetine, including individuals without a formal diagnosis, raising concerns about self-medication. Among those who do not engage in physical activities, 60.92% have depression, suggesting a link between physical activity and mental health. However, the data does not guarantee reliable diagnoses, and it is not possible to confirm that fluoxetine is the most prescribed antidepressant.

Keywords: Antidepressants; Academics; Depression.

1 INTRODUÇÃO

A depressão tem se tornado um problema crescente e preocupante na sociedade moderna, sendo reconhecida como um grave problema de saúde pública. No Brasil, a situação é alarmante, já que o país ocupa o primeiro lugar em prevalência de depressão na América Latina (Soeiro et al., 2022).

A depressão é a alteração afetiva mais estudada e discutida na atualidade. Classificada como um transtorno de humor, ela influencia profundamente as atitudes das pessoas, modificando sua percepção de si mesmas e fazendo com que vejam seus problemas como grandes crises (Tavares; Lima; Tokumaru, 2021).

A depressão é uma doença que pode ser psiquiátrica crônica e recorrente, cujas características incluem baixo ânimo irritável, falta de motivação e diminuição da vontade de socializar. Ela pode estar acompanhada por sintomas como perda de apetite, perda de interesse, insônia, fadiga, anorexia, agressividade, perda de peso, baixa autoestima, angústia, tristeza, pensamentos suicidas, tentativas de suicídio, falta de concentração e dificuldade de comunicação. O diagnóstico é facilitado pela presença desses sintomas (Braga, 2022).

A depressão pode ser causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais e psicológicos. Os acontecimentos marcantes em nossas vidas também podem desencadear a depressão. Entre esses eventos, estão situações como a ansiedade, a perda de um ente querido, seja por falecimento ou separação, o desemprego, frustrações, problemas em relacionamentos, além do uso de drogas e consumo excessivo de álcool. Todos esses fatores podem impactar profundamente o estado emocional e contribuir para o desenvolvimento da depressão (Tavares; Lima; Tokumaru, 2023).

A terapia medicamentosa com antidepressivos são os principais tratamentos para a depressão, juntamente com mudanças no estilo de vida. Esses medicamentos atuam nos neurotransmissores, uma vez que há indícios de que a depressão está relacionada à deficiência dessas substâncias. Esse tratamento pode resultar em uma melhora no quadro clínico do paciente, permitindo que ele retome sua vida e suas atividades normais, o que muitas vezes justifica o uso de antidepressivos (Cruz, 2020).

Há várias classes farmacológicas de antidepressivos, mas aqui estão as que são mais conhecidas e prescritas pelos médicos: Inibidores Seletivos da Recaptação

de Serotonina (ISRS), Inibidores da Recaptação de Serotonina/Norepinefrina (IRSN ou duais), Antidepressivos Tricíclicos, Moduladores dos Receptores 5-HT₂, Antidepressivos Tetracíclicos e Unicíclicos, Inibidores da Monoaminoxidase e Antidepressivos Melatonérgicos (Stahl, 2019).

O objetivo deste trabalho foi verificar a utilização de antidepressivos entre os acadêmicos da Fundação Integradas de Fernandópolis (FIFE), e verificar quais são os mais utilizados.

2 DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

A incerteza de qual caminho seguir no futuro profissional onde os alunos são cobrados por si mesmos, socialmente e também por familiares, tende a gerar transtornos de ansiedade antes de iniciarem a vida acadêmica. A ansiedade mal cuidada possivelmente desencadeará episódios depressivos (Cruz, 2020).

Durante a formação acadêmica, é comum que os alunos se sintam pressionados em relação às notas, e, em alguns casos, os jovens acabam se sobrecarregando devido à alta demanda de atividades tanto da faculdade quanto de tarefas do dia a dia simultaneamente, podendo desencadear transtornos psicológicos, incluindo a depressão (Tavares; Lima; Tokumaru, 2021).

Hoje em dia, a depressão é mais frequente entre jovens universitários, que constituem um grupo sujeito a momentos de estresse e desgaste emocional, sobretudo na área da saúde, devido ao contato com seres humanos. Com isso, os jovens ficam sobrecarregados por terem que lidar com essas situações, além de enfrentarem os desafios dos estudos acadêmicos, do trabalho e da vida social. Como consequência dessa vida agitada, muitos universitários recorrem aos antidepressivos para ajudar a enfrentar essas situações (Costa et al, 2018).

A evolução da depressão está relacionada à deficiência dos Neurotransmissores monoaminérgicos, que incluem a serotonina, noradrenalina e dopamina. Essas substâncias químicas são responsáveis por manter nosso organismo em harmonia, atuando no funcionamento do sistema nervoso central/periférico para manter o equilíbrio corporal. (Carneiro; Dobson, 2021). Após o isolamento social em consequência da pandemia causada pela covid19, observou-se um aumento brusco em casos de distúrbios psicológicos e o aumento exacerbado na utilização de antidepressivos e ansiolíticos. Outros tipos de acompanhamentos

psicológicos além da medicação são necessários para o tratamento da doença, e se possível, evitar o uso de medicação em casos que não são de moderados a graves (Souza et al, 2021).

Os inibidores da recaptção de serotonina e noradrenalina (IRSN) bloqueiam a recaptção desses neurotransmissores, aumentando sua concentração na fenda sináptica. Os principais efeitos adversos dos inibidores da recaptção de serotonina e noradrenalina (IRSN) incluem náusea, insônia ou sonolência excessiva, aumento da ansiedade, aumento do suor, tontura, disfunção sexual e possível ganho de peso. Alguns dos principais medicamentos inibidores da recaptção de serotonina e noradrenalina (IRSN) incluem Venlafaxina, Duloxetina, Desvenlafaxina e Milnaciprano (Oliveira, 2018).

Os antidepressivos tetracíclicos e unicíclicos atuam aumentando os níveis de neurotransmissores no cérebro, como a serotonina e a noradrenalina. Os tetracíclicos, como a mirtazapina, bloqueiam os receptores alfa-2 adrenérgicos e os receptores de serotonina 5-HT₂, aumentando indiretamente os níveis desses neurotransmissores. Já os unicíclicos, como o Bupropiona, inibem a recaptção de serotonina e noradrenalina, aumentando sua disponibilidade na fenda sináptica. Ambos os tipos de antidepressivos ajudam a regular o humor e aliviar os sintomas da depressão (Freire, 2022).

Os antidepressivos tricíclicos inibem a recaptção em nível pré-sináptico da recaptura de monoaminas, principalmente norepinefrina (NE) e serotonina (5-HT) e, em menor proporção, dopamina (DA), bloqueando o local transportador norepinefrina e serotonina, aumentando, assim, as concentrações sináptica desses neurotransmissores. Os efeitos adversos dos antidepressivos tricíclicos incluem boca seca, visão turva, constipação, ganho de peso, sonolência, tonturas, tremores, sudorese aumentada, problemas urinários, efeitos cardiovasculares e problemas sexuais. Alguns dos principais medicamentos tricíclicos incluem: Amitriptilina, Nortriptilina (Souza; Rodrigues, 2023).

Os inibidores da monoaminoxidase (IMAOs) atuam inibindo a enzima monoaminoxidase, responsável pela quebra dos neurotransmissores monoaminas, como a serotonina, dopamina e noradrenalina. Isso leva a um aumento desses neurotransmissores no cérebro, o que pode melhorar o humor e reduzir os sintomas de depressão. As reações adversas dos inibidores da monoaminoxidase (IMAOs) incluem hipotensão ortostática, crises hipertensivas com certos alimentos, síndrome

serotoninérgica, distúrbios do sono, ganho de peso, boca seca, constipação e interações medicamentosas. Os principais medicamentos IMAOs são os Isocarboxazida, Moclobemida, Fenelzina, Selegilina e Tranilcipromina (Junior; Trevisan, 2021).

Os ISRSs bloqueiam a recaptação da serotonina nos neurônios, aumentando sua concentração na fenda sináptica. Com mais serotonina disponível, há uma maior estimulação dos receptores pós-sinápticos, contribuindo para os efeitos terapêuticos dos ISRSs. Alguns efeitos colaterais comuns incluem agitação, diarreia, náuseas, tonturas, visão embaçada, perda de libido e disfunção erétil em homens. As principais drogas dessa classe é a Fluoxetina, Sertralina, Paroxetina, Fluvoxamina, Citalopram e o Escitalopram (Ramelo et al., 2021).

O uso de antidepressivos a longo prazo ocasionam mais malefícios do que benefícios para os pacientes, sendo que, podem causar alterações na tireoide, crises de convulsões e hipertensão, ganho ou perda de peso, entre outros sintomas (Damasceno et al, 2019).

A utilização desses antidepressivos com um uso irresponsável pode levar à dependência tóxica nos usuários. Muitas vezes, os jovens fazem uso indevido desses medicamentos, buscando escapar de suas responsabilidades diárias. Isso ocorre porque não conseguem lidar com suas obrigações cotidianas e acabam utilizando esses medicamentos como uma forma de escapar da realidade (Valença et al., 2020).

A psicoterapia é um dos tratamentos recomendados para a depressão e ansiedade. Conduzida por um psicólogo especializado na área, seu objetivo é compreender o que está acontecendo com o paciente e oferecer apoio para lidar com seus problemas psicológicos, promovendo mudanças no modo de pensar e agir. Com resultados positivos, a psicoterapia frequentemente leva à melhora dos sintomas (Cordioli; Grevet, 2019).

A intervenção terapêutica é vista como uma ferramenta essencial para promover mudanças significativas. Nesse sentido, é de extrema importância estabelecer uma relação de confiança entre o terapeuta e o paciente. O profissional precisa conquistar a confiança do paciente para alcançar seus objetivos e obter melhorias no quadro clínico, possibilitando assim resultados positivos na terapia (Santos; Góez; Marquez, 2022).

A adolescência é uma fase crucial de autodescoberta e transformação, marcada por uma série de mudanças físicas, psicológicas e sociais. Durante esse

período, os jovens enfrentam o conflito entre dependência e independência, o que caracteriza um momento de intenso questionamento, dúvidas e cobranças. É uma fase em que buscam compreender sua verdadeira identidade, enfrentando desafios que moldam seu comportamento e suas crenças (Moreira; Bastos, 2023).

Estudantes universitários são considerados um grupo de risco para distúrbios mentais, como a depressão. Durante a transição para a vida acadêmica, eles enfrentam desafios como mudanças, exigências rigorosas, novas responsabilidades, afastamento da família, adaptação a novos ambientes, pressão e preocupações com o futuro, além de dificuldades financeiras e de acomodação. Enquanto alguns estudantes lidam com esses desafios de maneira positiva, muitos enfrentam altos níveis de estresse, o que pode levar a problemas psicológicos (Barbosa; Asfora; Moura, 2020).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para realização desse trabalho, será realizada uma pesquisa na Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF, Campus Universitário, Av. Theotonio Vilela, 1685 - Jardim Vitória, Fernandópolis - SP, 15608-380.

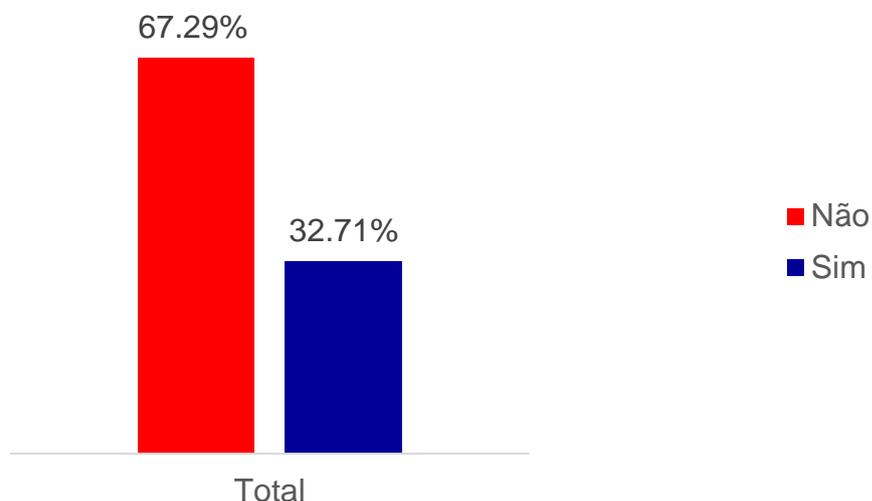
O questionário foi aplicado no período de 01.10.2024 a 11.11.2024.

A pesquisa de campo, quantitativa, descritiva, foi desenvolvida através da plataforma google forms e foi divulgada através do WhatsApp e presencialmente no campus da FEF.

Participaram da pesquisa os alunos dos cursos da área da saúde, ciências exatas, e licenciaturas das Faculdades Integradas de Fernandópolis - FIFE e 266 acadêmicos responderam o questionário.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

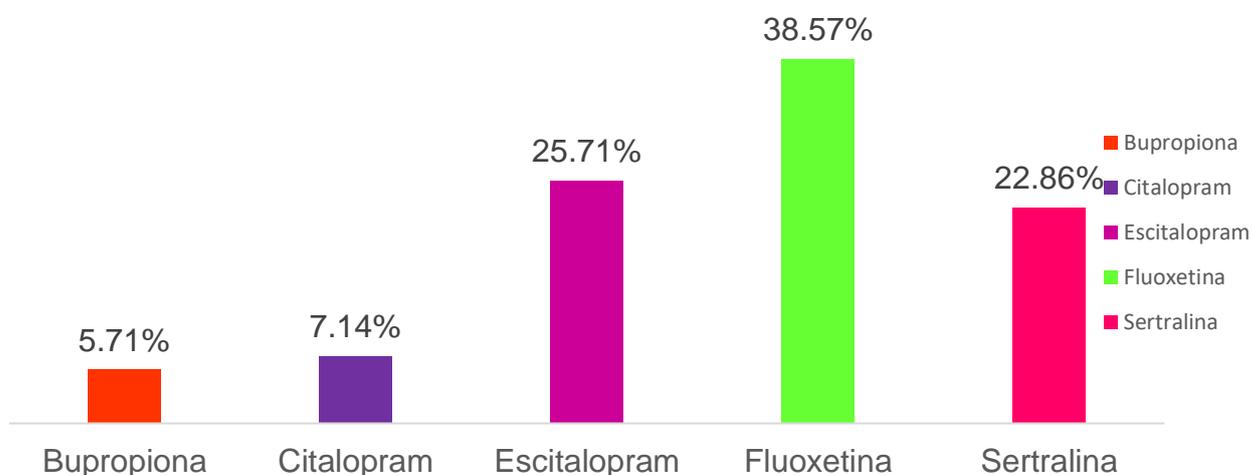
Gráfico1: Tem depressão?



O Gráfico1 mostra que 32,71% dos alunos possuem depressão diagnosticada.

A depressão é um transtorno mental prevalente entre universitários, com estudos mostrando que entre 15% e 25% dos estudantes desenvolvem transtornos mentais durante a graduação, sendo a depressão um dos mais comuns. Estudos realizados tanto no Brasil quanto em outros países, utilizando o DSM-5 e o CID-10 para avaliar a depressão, encontraram prevalências variando entre 5% e 15%. Quando rastreada por meio de perguntas sobre sintomas depressivos, as taxas variaram entre 30% e 50% (FLESCH et al., 2020).

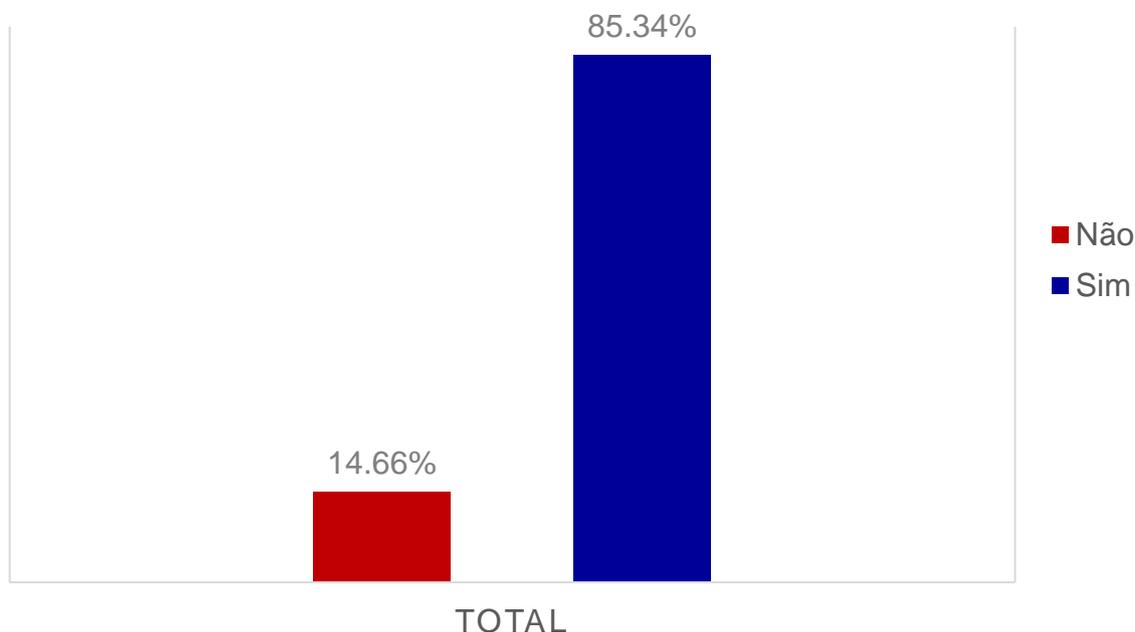
Gráfico 2: Uso de medicamentos



O Gráfico 2 apresenta a porcentagem de entrevistados (n=266) que utilizam medicamentos, incluindo tanto indivíduos com diagnóstico de depressão quanto aqueles que não foram diagnosticados, os medicamentos mais citados são: fluoxetina (38,57%), escitalopram (25,71%) e sertralina (22,86%), essa porcentagem foi todos pertencentes à mesma classe de antidepressivos, os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS).

Os antidepressivos inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS) formam uma classe de medicamentos que está no mercado desde o final de 1980. Os ISRS são atualmente os antidepressivos mais prescritos em todo o mundo. São medicamentos relativamente novos, com boa segurança, mesmo em doses elevadas, e são bem tolerados, com efeitos colaterais leves (MDSAÚDE, 2021).

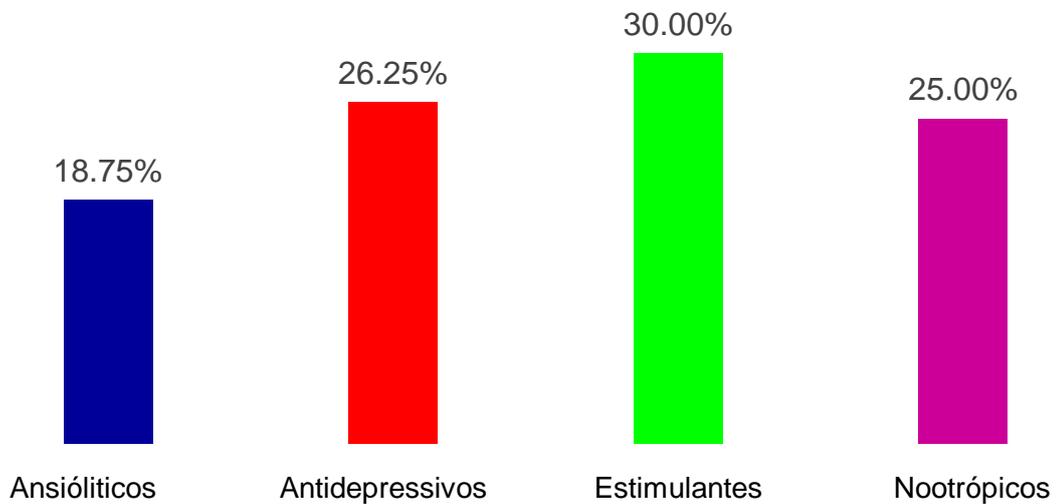
Gráfico 3: O ano letivo impõe pressão no estudante



O Gráfico 3 mostra que 85,34% dos estudantes entrevistados se sentem pressionados durante o período letivo.

A rotina universitária pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de morbidades psicológicas, devido à pressão acadêmica, à sobrecarga de atividades e às cobranças associadas. Além disso, preocupações com a saúde pessoal, dificuldades financeiras e, para estudantes da área da saúde, a exposição ao sofrimento dos pacientes agravam o estresse. Esses fatores podem ter sérios impactos na saúde mental dos estudantes (Bernadelli, et al., 2022).

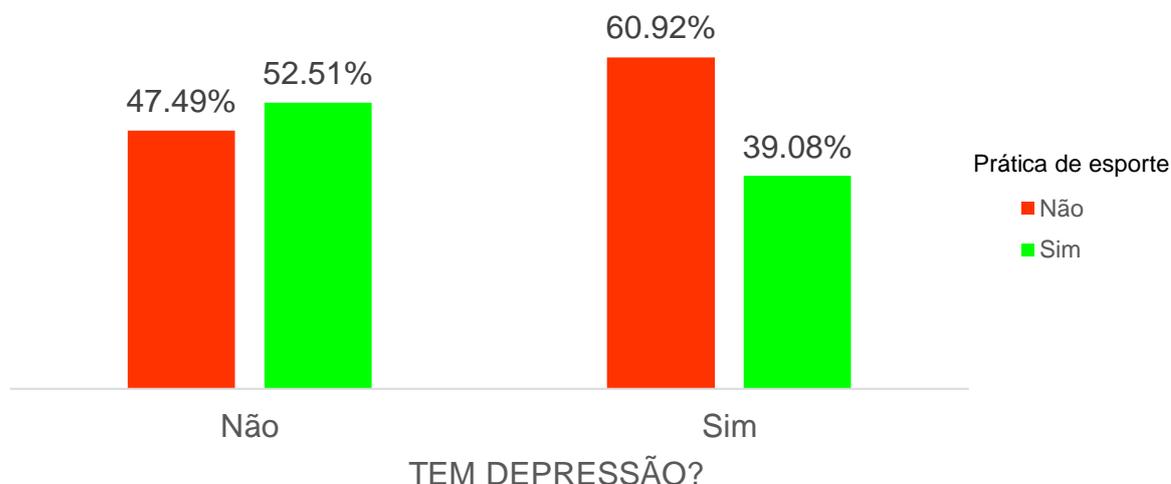
Gráfico 4: Medicamento usado no período de prova



O Gráfico 4 revela que o uso de medicamentos entre os universitários, mesmo aqueles que não possuem depressão é comum durante períodos de provas. As substâncias mais destacadas são os estimulantes com 30% (cerca de 80 alunos), antidepressivos com 26,25% (cerca de 70 alunos), nootrópicos com 25% (cerca de 67 alunos) e ansiolíticos com 18,75% (cerca de 50 alunos).

Os estudantes são particularmente vulneráveis, pois enfrentam uma exposição constante a fatores estressantes, como sobrecarga de trabalhos, provas, distúrbios do sono e incertezas sobre o futuro profissional. Esses fatores aumentam significativamente o risco de transtornos de ansiedade e de humor entre os universitários (Riviers, et al., 2020).

Gráfico 5: Relação entre prática de esporte e depressão



O Gráfico 5 mostra que, entre os universitários com diagnóstico de depressão (60,92%), não praticam exercício físico, enquanto entre aqueles sem diagnóstico de depressão, esse percentual é de (47,49%).

A prática de exercícios oferece benefícios emocionais para pessoas de todas as idades e sexos, sendo segura para aqueles que utilizam medicação psicotrópica, sob orientação médica. Além de psicoterapia e medicação, a atividade física é uma terapia adjuvante eficaz, que melhora o bem-estar, humor e autoestima, e reduz sintomas de ansiedade, tensão e depressão (Silva, 2021).

CONCLUSÃO

A pesquisa, realizada com 266 participantes, revelou que 32,71% dos entrevistados apresentaram diagnóstico de depressão, sendo considerada uma incidência baixa. Além disso, foi identificado que 38,57% dos participantes utilizam fluoxetina, o que a destaca como o medicamento mais utilizado. Essa porcentagem inclui tanto indivíduos diagnosticados com depressão quanto aqueles sem o diagnóstico, levantando uma preocupação sobre o risco de automedicação. Outro dado relevante mostra que 60,92% dos indivíduos que não praticam atividades físicas apresentam diagnóstico de depressão, sugerindo uma possível relação causal entre a prática de exercícios físicos e a saúde mental.

Embora os resultados indiquem tendências, não é possível confirmar as estatísticas com precisão, uma vez que não há garantia de que os entrevistados tenham recebido um diagnóstico médico de depressão ou estejam se autodiagnosticando. Apesar de a fluoxetina ser apontada como o medicamento mais utilizado, os dados incluem usuários de antidepressivos sem diagnóstico formal de depressão. Por isso, não é possível afirmar com certeza que a fluoxetina seja o medicamento mais prescrito para o tratamento da depressão.

Para resolver a problemática, faz-se necessário aumentar políticas de conscientizações sobre o mal uso e os malefícios dos antidepressivos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. N. F.; ASFORA, G. C. A.; MOURA, M. C. de. **Ansiedade e depressão e uso de substâncias psicoativas em jovens universitários**. SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1–8, 2020.

BERNARDELLI, L. V. et al. A ansiedade no meio universitário e sua relação com as habilidades sociais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 49–67, jan. 2022.

BRAGA, R. S. G. **Depressão em crianças e adolescentes: uma revisão de literatura**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ed. 09, Vol. 04, pg 43-64, 2022.

CARNEIRO, A. M.; DOBSON, K. S. Tratamento cognitivo-comportamental para depressão maior: uma revisão narrativa. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**. São Paulo, 2021.

CARVALHO JÚNIOR, E.; TREVISAN, M. **Psicofarmacologia dos antidepressivos**. Brazilian Journal Of Development. Curitiba, p. 9-10. Nov. 2021.

CASSIMIRO, E. E. Frequência do uso de psicofármacos entre jovens estudantes que cursam pré-vestibular. **Revista Adolescência e Saúde**, Belo Horizonte, v. 9, n. 4, out. 12. Bimestral.

CORDIOLI, A. V.; GREVET, E. H. **Psicoterapias: abordagens atuais**. 4. ed. Porto Alegre, RS: ArtMed, 2019.

COSTA, K.; SOUSA, K.; FORMIGA, P.; SILVA, W.; BEZERRA, E. **Ansiedade em universitários na área da saúde**. 2018.

CRUZ, A. F. P. et al. Fármacos antidepressivos: prevalência, perfil e conhecimento da população usuária. **Brazilian Journal of Health and Pharmacy**, 2020.

DAMASCENO, E. M. A. et al. Riscos do uso de antidepressivos entre jovens universitários da área da saúde. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, Juína/MT, v. 2, n. 2, jan./dez. 2019.

FLESCHE, B. D.; HOUVÈSSOU, G. M.; MUNHOZ, T. N.; NEUENFELD, T.; FASSA, A. Episódio depressivo maior entre universitários do sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v. 54, p. 11, 2020.

FREIRE, L. R. **Antidepressivos e suas consequências a longo prazo**. Anápolis. 2022.

MDSAÚDE. **Antidepressivos: Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRS)**. MDSAÚDE, 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Em Minas Gerais, 564 municípios utilizam práticas integrativas no tratamento de pacientes do SUS.

OLIVEIRA, G. N. OLIVEIRA. **Avaliação descritiva das dispensações concomitantes de antidepressivos na secretária municipal de saúde do município de Belo Horizonte. Belo Horizonte. 2018.**

RAMELO, B. C. et al. **Avaliação do uso de antidepressivos e sua relação com a incidência de suicídio.** São Francisco. Ago. 2021.

RIEVERS, F. M. et al. Uso de antidepressivos por universitários dos cursos de saúde de uma faculdade privada de Teófilo Otoni/MG. **Trabalho de conclusão de curso**, 2020.

SANTOS, D. M.; GÓES, M. A. S.; MARQUEZ, C. O. O uso excessivo de antidepressivos e ansiolíticos entre adolescentes e jovens. **Research, Society and Development.** v. 11, 2022.

SILVA, C. L. **O impacto das práticas esportivas em pessoas com depressão.** Vitória da Conquista, 2021. UNOPAR.

SOEIRO, A. C. V. et al. Depressão, estigma e preconceito: o que pensam os estudantes de Medicina? **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 46, n. 3, p. e114, 2022.

SOUZA, L. Costa B.; RODRIGUES, V. F. **Antidepressivos na atenção básica do município de Itaocara (RJ): características do usuário e da dispensação.** Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos, Itaocara. 2023.

SOUZA, M. S. P., ALMEIDA, R. L. M. L., AMORIM, A. T., SANTOS, T. A. Uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes do curso de farmácia em uma instituição privada e uma pública do interior da Bahia. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 8. jun 2021.

STAHL, S. M. **Fundamentos de psicofarmacologia de Stahl: guia de prescrição** [recurso eletrônico] / Stephen M. Stahl; tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa ; revisão técnica: Gustavo Schestatsky. – 6. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2019.

TAVARES, A. C. S.; LIMA, R. F. F.; TOKUMARU, R. S. **Teorias evolucionistas da depressão: panorama e perspectivas.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo; Niterói: Universidade Salgado de Oliveira, 2023.

VALENÇA, R. C. P.; GUIMARÃES, S. B., SIQUEIRA, L. Prescrição e uso de antidepressivos em crianças e adolescentes—uma revisão da literatura. **Brazilian Journal of Development**, 2020.